

## TEASING: impactos em adolescentes escolares com deficiência

Augusta Karla Silva Quintanilha<sup>1</sup>

### Resumo

O *teasing* se configura como brincadeiras de cunho vexatório por atributos corporais. Quando isso acontece em escolares com deficiência seus efeitos podem afetar psicologicamente, pois a adolescência é uma fase de intensas transformações corporais. Nesse sentido, as chacotas podem impactar diretamente o desenvolvimento da imagem corporal, desencadeando vergonha e insatisfação corporal. O objetivo desse trabalho é buscar na literatura maior conhecimento sobre o *teasing*, para melhor conhecimento dessa temática. Foram utilizados artigos publicados nas bases de dados *Scopus*, *PsycInfo* e *Web of Science*. Como resultado foi identificado que essa população é considerada grupo de risco para serem vítimas de provocações relacionadas à aparência corporal, desencadeando efeitos prejudiciais no desenvolvimento de uma imagem corporal positiva, comprometendo a saúde mental, conseqüentemente, a inclusão nos âmbitos escolares.

**Palavras-chave:** Aparência Corporal. Estudantes. Família. Educação Especial.

### 1. Introdução

O *Appearance-Related Teasing*, também conhecido como chacotas relacionadas à aparência, são atitudes de provocações referente a atributos corporais de outros (Thompson et al., 1991). Tais provocações não têm necessariamente a intenção de ofender e podem se dar devido à atributos como peso, cor da pele, tipo de cabelo, uso de acessórios, comportamentos atípicos e até mesmo por uma deficiência (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021).

Tendo em vista a relevância desse conceito e sua relação com o corpo, faz-se necessário destacar que a imagem corporal é a representação do corpo na mente (Schilder, 1999). É uma experiência psicológica multifacetada da personificação, especialmente, mas não exclusivamente a aparência física. Essa experiência abarca autopercepções e comportamentos relacionadas ao corpo, incluindo pensamentos,

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares(UFRRJ), Docente do UGB-FERP.

crenças, sentimentos e comportamentos a respeito do próprio corpo (Cash, 2012). Assim, as provocações relacionadas à aparência podem intervir nessa construção subjetiva, desencadeando insatisfação corporal (Zimmer-Gembeck, Webb, 2017) e conseqüentemente uma imagem corporal negativa (Schaefer; Salafia, 2014).

Na fase da adolescência, estudos reportam relações entre provocações relacionadas à aparência a diversos quadros psicológicos como depressão (Zimmer-Gembeck; Webb, 2017), vergonha corporal (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021), transtornos alimentares (Dahill; Touyz; Morrison, 2021), dentre outros. Vale destacar que as chacotas se efetivam também em ambientes escolares, que por vezes desencadeiam a exclusão e o isolamento social (Berchiatti et al., 2021). Assim, em populações com deficiência, o *teasing* pode trazer conseqüências deletérias no âmbito psicológico e também à formação da imagem corporal. Diante desses dados, o propósito desse estudo é conhecer pesquisas sobre chacotas relacionadas à aparência em adolescentes escolares com deficiências.

## **2. Método**

Para esta revisão sistemática, foram utilizadas as bases de dados *Scopus*, *PsycInfo* e *Web of Science*. Os critérios para escolha dos artigos foram trabalhos de campo desenvolvidos com adolescentes escolares, nos idiomas português, espanhol ou inglês. Foram utilizados 11 artigos que serão discutidos a seguir.

## **3. Resultados e Discussão**

Dentre os aspectos identificados nesse estudo, dois pontos emergiram em vários estudos. O primeiro é que adolescentes com deficiências têm maiores riscos de sofrerem chacotas (Çoban et al. 2022). O segundo é o fato de que tendem a ter menos apoio dos pares, o que pode aumentar sua vulnerabilidade (Schipper et al., 2017; Giese et al., 2021). Estes aspectos permitem a inferência de que a boa interação

no contexto escolar é protetiva para esses escolares, diminuindo os riscos das provocações.

Uma questão passível de observação é que, por vezes, episódios de *teasing* são precursores de comportamentos de *bullying* (Schlüter; Kraag; Schmidt, 2021), porém são fenômenos com semelhanças e diferenças. O *bullying*, se configura como atos provocativos repetidos, nos quais o agressor tem o intuito de ridicularizar, vitimizar ou até mesmo ferir o sujeito alvejado (Landstedt; Persson, 2014). Frente a essas colocações, vale destacar que ambas as práticas podem desencadear no indivíduo um desgosto por sua aparência, fomentando comparações sociais e desencadeando efeitos negativos no desenvolvimento de sua imagem corporal.

Adolescentes com deficiência visual são alvos frequentes de chacotas devido ao uso de óculos ou tapa olhos. Tais provocações geram sintomas emocionais como desconfiança e insegurança fazendo com que a vítima acredite que é difícil estabelecer relações positivas com colegas (Pinquart; Pfeiffer, 2011).

Esses achados são relevantes quando se considera como essas provocações podem impactar a formação da imagem corporal dessa população. Por exemplo, Pinquart e Pfeiffer (2012) identificaram que esses adolescentes podem avaliar seu corpo de forma mais negativa do que seus pares videntes, em específico as meninas, o que, está diretamente relacionado a serem vítimas de situações vexatórias. Esses autores reportaram que as provocações a essa população podem desencadear insatisfação corporal e uma imagem corporal negativa.

Ainda sobre essa população, Schipper, Lieberman e Moody (2017) identificaram que a provocação é relatada como uma barreira para a participação atividades físicas, aonde aconteciam zombarias como *você não pode ver e seus olhos são assustadores*. Entretanto, esse mesmo estudo, demonstrou que o ambiente escolar pode ser inclusivo, inclusive nas aulas de Educação Física. Os participantes ressaltaram o papel desse professor junto a esses escolares, pois seu acolhimento e cuidado ajudava no processo de integração com os pares e realização das atividades.

Frente a esse debate, Haegele e Kirk (2018) demonstraram que as aulas de Educação Física por vezes podem ser espaços capacitistas, reforçando provocações. Esse estudo demonstrou que nesses contextos, por vezes, se perpetuam a vergonha e exclusão de pessoas com deficiência. Dentre as práticas de vitimização estavam

ridicularização pela deficiência e apelidos, os quais levavam os adolescentes a internalizar a deficiência como a responsável por serem excluídos.

De forma similar, Giese e colaboradores (2021) identificaram uma forte hierarquização dentro das aulas de Educação Física, seja por parte dos professores, seja por parte de alunos. Nesse sentido, esse estudo demonstrou que episódios de discriminação, intimidação e assédio eram perpetrados por alunos e professores. Embora esses sistemas da hierarquia não possam simplesmente ser quebrados, formas responsáveis de lidar com alunos com deficiência visual acerca de se corpo e suas potencialidades se fazem necessárias e urgentes (Giese et al., 2021). O efeito rebote dessa prática pode ocorrer, pois essa população, por estar frustrada com a experiência de vitimização, pode envolver-se em comportamento de provocar outros como forma de forma de vingança (Swearer et al., 2012; Simpson; Rose; Eliis, 2016).

Similar a esses dados, Hutzler et al. (2021) sugeriram que adolescentes cadeirantes que sofreram provocações tinham maior probabilidade de reverberar esse comportamento com outros adolescentes como resposta da retaliação vivenciada. Tal resposta pode, no entanto, ilustrar o início de um ciclo vicioso de ser provocado e provocar, o que pode, em última análise, resultar em desempenho escolar prejudicado, ansiedade, fobia social, comportamento obsessivo-compulsivo. Estes dados são importantes porque indicam que adolescentes e, particularmente aqueles com deficiência física grave, ainda constituem uma população vulnerável no cenário escolar.

#### **4. Considerações Finais**

O objetivo desse trabalho ampliar o conhecimento de pesquisas sobre chacotas relacionadas à aparência em adolescentes escolares com deficiência. Os dados coletados nesse estudo demonstraram que essa população é mais suscetível a sofrer *teasing* pelos pares, impactando negativamente a formação de sua imagem corporal, a interação social e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. Futuras pesquisas podem investigar essa temática em trabalhos de campo, estando com essa população e entendendo outros aspectos afetados pelas chacotas.

## 5. Referências

BERCHIATTI, M.; FERRER, A.; GALIANA, L.; BADENES-RIBERA, L.; LONGOBARDI, C. **Bullying in students with special education needs and learning difficulties: The role of the student–teacher relationship quality and students’ social status in the peer group.** In *Child & youth care forum* (pp. 1-23). Springer US, 2021.

CASH, T. F. **Cognitive-Behavioral Perspectives on Body Image.** *Encyclopedia of Body Image and Human Appearance*, 334–342. doi:10.1016/b978-0-12-384925-0.00054-7, 2012.

ÇOBAN, Özge et al. **Psychiatric disorders and peer-victimization in children and Adolescents with growth hormone deficiency.** *Clinical pediatrics*, v. 61, n. 10, p. 684-691, 2022.

DAHILL, L. M.; TOUYZ, S.; MORRISON, N. M.; HAY, P. **Parental appearance teasing in adolescence and associations with eating problems: a systematic review.** *BMC Public Health*, 21, 1-13, 2021.

GIESE, Martin et al. “... and after That Came Me”. Subjective Constructions of Social Hierarchy in Physical Education Classes among Youth with Visual Impairments in Germany. *International journal of environmental research and public health*, v. 18, n. 20, p. 10946, 2021.

HAEGELE, Justin A.; KIRK, T. Nicole. **Experiences in physical education: Exploring the intersection of visual impairment and maleness.** *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 35, n. 2, p. 196-213, 2018.

HUTZLER, Yeshayahu et al. **Physical activity, sedentary screen time and bullying behaviors: Exploring Adolescent between Adolescents with and without disabilities.** *International Journal of Adolescence and Youth*, v. 26, n. 1, p. 110-126, 2021.

LANDSTEDT, Evelina; PERSSON, Susanne. **Bullying, cyberbullying, and mental health in young people.** *Scandinavian journal of public health*, v. 42, n. 4, p. 393-399, 2014.

PINQUART, Martin; PFEIFFER, Jens P. **Bullying in German Journal5entes: Attending special school for students with visual impairment.** *British Journal of visual impairment*, v. 29, n. 3, p. 163-176, 2011.

PINQUART, Martin; PFEIFFER, Jens P. **Body image in adolescents with and without visual impairment.** *British Journal of Visual Impairment*, v. 30, n. 3, p. 122-131, 2012.

SCHAEFER, M. K.; SALAFIA, E. H. B. **The connection of teasing by parents, siblings, and peers with girls’ body dissatisfaction and boys’ drive for**

**muscularity: The role of social comparison as a mediator.** *Eating Behaviors*, 15(4), 599–608. 2014. doi:10.1016/j.eatbeh.2014.08.018

SCHLÜTER, Constanze; KRAAG, Gerda; SCHMIDT, Jennifer. **Body shaming: an exploratory study on its definition and classification.** *International journal of bullying prevention*, p. 1-12, 2021.

SCHILDER, P. A imagem do corpo. In: **A imagem do corpo.** 1999.

SCHIPPER, Tessa; LIEBERMAN, Lauren J.; MOODY, Brigitte. **“Kids like me, we go lightly on the head”: Experiences of children with a visual impairment on the physical self-concept.** *British Journal of Visual Impairment*, v. 35, n. 1, p. 55-68, 2017.

SIMPSON, Cynthia G.; ROSE, Chad A.; ELLIS, Stephanie K. **Gender discrepancies and victimization of students with disabilities.** *Remedial and Special Education*, v. 37, n. 5, p. 296-307, 2016.

SWEARER, Susan M. et al. **Understanding the bullying dynamic among students in special and general education.** *Journal of school psychology*, v. 50, n. 4, 2012.

THOMPSON, J. Kevin et al. **Development and validation of the physical appearance related teasing scale.** *Journal of personality assessment*, v. 56, n. 3, p. 513-521, 1991.

ZIMMER-GEMBECK, M. J.; WEBB, H. J. **Body image and peer relationships: Unique associations of adolescents' social status and competence with peer- and self-reported appearance victimization.** *Journal of Adolescence*, 61, 131–140, 2017. doi:10.1016/j.adolescence.2017.10.002.